

NO MUNDO DA LUA, MAS COM PÉ NO CHÃO

ALAN SOUZA
alan.silva@oglobo.com.br

Eduardo Kac é categórico ao afirmar que não está devaneando no mundo da Lua:

—Nada é fantasia ou especulação— diz.

Melhor que isso, o artista — que tem um longo histórico de trabalhos ligados à arte espacial — agora mantém uma conexão indiscutível e material com o satélite natural da Terra, desde que uma obra sua, “Adsum” (que significa “estou aqui” em latim), pousou na superfície lunar no mês passado, a bordo do módulo de pouso Blue Ghost, à espera do encontro com civilizações futuras.

Já na superfície terrena, o trabalho (e a proposta, no mínimo ousada) de Kac vem conquistando admiradores. A obra enviada à base na Lua consiste num pequeno cubo de 1cm de lado, produzido com vidro óptico puro e cujo interior foi gravado a laser com símbolos de infinito, relógio de areia e círculos. A peça, num formato um pouco maior, será exibida a partir de hoje pela Baró Galeria na feira Art Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, até domingo.

—Seria perfeitamente legítimo criar uma obra efêmera, que vai para um determinado lugar do espaço e se desfaz como consequência do ambiente hostil (da Lua) com uma outra temperatura e radiação. Mas, no meu caso, me interesso por criar obras que permaneçam por muito tempo. Então, o aspecto fundamental de “Adsum” é a sua materialidade — afirma o artista brasileiro radicado em Chicago (EUA).

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Como o próprio Kac destaca, a obra foi concebida para durar por muito tempo numa “exposição permanente” no satélite natural.



DIVULGAÇÃO/FIREFLY AEROSPACE

Viagem espacial.
O módulo de pouso Blue Ghost fotografou sua sombra na Lua com a Terra ao fundo no dia 2 de março de 2025: a bordo do equipamento, “Adsum”, obra de Eduardo Kac

EDUARDO KAC FALA DE SUA OBRA QUE POUSOU NO SATÉLITE NATURAL DA TERRA E REFORÇA QUE SEUS PROJETOS ‘PERTENCEM AO UNIVERSO DO POSSÍVEL’: ‘NÃO ME INTERESSA POR FANTASIAS. TUDO QUE EU FALO É CALCADO NUMA REALIDADE MATERIAL’



DIVULGAÇÃO/KAC STUDIO

Criação. Kac com a obra “Adsum”: um cubo de 1cm de lado de vidro óptico

Sua esperança ao criar “Adsum” é que a peça seja, um dia, descoberta por futuros exploradores — algo que ele considera totalmente plausível, à medida que a Lua possa vir a ser habitada por seres humanos daqui a algum tempo.

O artista diz esperar que aconteça uma espécie de “arqueologia ao contrário”. Se os tesouros do Egito Antigo, contextualiza ele, são desenterrados hoje mesmo sem terem sido alocados em catacumbas com essa intenção, sua obra foi criada com o propósito já muito bem definido de ser encontrada por quem estiver passando lá no futuro pela Estação Espacial Internacional.

COLONIZAR A LUA E MARTE

É por isso que o artista recusa a ideia de que seu pensamento seja tratado como

parte de uma simples dramaturgia de realismo fantástico:

— Não me interesso por fantasias, nem vivo nesse mundo. Só me interesso pela verdadeira materialidade dos fatos e dos fenômenos. Quando eu falo de civilizações futuras, não estou falando de fantasia. Tudo que eu falo é calcado numa realidade material — diz Kac. — Acredito que as colônias que teremos na Lua e em Marte serão semelhantes ao que a gente vê hoje na Antártida: sem luxos, nem palácios, prédios com piscina ou campos de tênis.

O cubo foi colocado junto com sementes de plantas dentro de uma cápsula em formato de pirâmide. Enviados por outro pesquisador, sem relação com Kac, os grãos — assim como a obra de arte —

aguardam o momento em que poderão ser cultivados no futuro.

INSTITUIÇÃO ESPANHOLA

No mês passado, ainda sob a satisfação de Kac após o sucesso do pouso na Lua, uma das edições de “Adsum” foi adquirida pela New Art Foundation, da Espanha, que destacou que a obra reflete “sobre a dimensão do destino e também sobre a nossa encruzilhada existencial”.

— Colocar uma obra de arte na Lua é um ato profundamente simbólico: um gesto de resistência cultural, um *hackeamento* poético do território lunar e uma forma tangível de humanizar e democratizar a exploração espacial. A presença de uma obra como essa na Lua é como um lembrete de que a exploração espacial também deve incorporar o humanismo, a reflexão ética e a sensibilidade artística — diz Vicente Matallana, diretor da New Art Foundation e integrante do júri que selecionou “Adsum” para a coleção da instituição.

A obra espacial de Kac, entretanto, não é a primeira. O artista, que desenvolve trabalhos espaciais desde 1986, já colocou outros trabalhos seus fora do planeta. Um exemplo é “The silent circle”, que orbitou a Terra a uma altitude de 570km.

— O que eu venho de fato fazendo não é apenas uma obra espacial isolada. Venho desenvolvendo, de uma maneira séria, focada e consciente, a arte espacial como um novo campo da arte contemporânea — diz Kac. — Não importa o quão difícil, não importa quanto tempo demore. Mas tudo que planejo é factível. Não sei se vou conseguir completar, mas eu sei que posso, que elas pertencem ao universo do possível.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

PROJETO COM CRESCIMENTO À VISTA

Os debates na Biblioteca Nacional, no Rio, começam às 14h, com a primeira mesa do evento, “Brasiliense Fotográfica: sua história, construção e dia a dia”, apresentada pela coordenadora-geral do Centro de Processamento e Preservação da FBN Gabriela Ayres Terrada. Gestores e responsáveis pela atualização de conteúdo, Andrea Wanderley, Roberta Zanatta (IMS) e Vinícius Pontes (FBN) falam sobre o cotidiano, a trajetória e as maiores contribuições da plataforma.

Às 14h40, o professor Daniel Campelo e os historiadores Maria do Carmo Rainho e Ricardo Santos compartilharão depoimentos sobre o uso e a difusão do acervo do portal, na mesa “Experiências com a Brasileira Fotográfica”.

Na sequência, às 15h30, a mesa “A Brasileira em foco” reunirá o fotógrafo e pesquisador Boris Kossoy e o pesquisador, professor e fotógrafo Joaquim Marçal, que foi curador da Brasileira Fotográfica por nove anos. Ambos falarão sobre a importância da fotografia

na escrita da História e o alcance da plataforma ao longo de seus dez anos.

ACESSO AVASSALADOR

Às 16h10, Danielle Peçanha, chefe do Laboratório de Digitalização, e a professora Telma Madio, do De-

partamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, apresentarão a palestra “Desafios e perspectivas: preservação digital na FBN”. O evento se encerra às 16h40 com um balanço do projeto.

Presidente da FBN, Marco Lucchesi lembra que a instituição receberá financiamento inédito de R\$ 18,8 milhões da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) para projetos de preservação, digitalização e disponibilização de acervos. O edital in-

clui a qualificação, atualização das plataformas como a Brasileira Fotográfica e implementação de novas tecnologias e serviços da FBN.

— Os projetos da FBN exigem demandas de espaço para dados e agora com esse financiamento teremos ca-

pacidade de modernizar e agregar valor — diz Lucchesi. — A nossa herança digital é a segunda plataforma digital mais visitada e, em seguida, vem a Brasileira Fotográfica. Juntos, trazem uma ordem de grandeza de cem milhões de acesso por ano, um número avassalador. (Bolívar Torres)

CARNAVAL DA GRIPE

Após o luto pela Gripe Espanhola que devastou a sua população, o Rio foi à forra no histórico carnaval de 1919. A folia reuniu 400 mil pessoas nas ruas em um clima de euforia de fim de mundo. Já se escreveu muito sobre o evento, mas registros fotográficos são mais raros. Esta imagem de Augusto Malta, fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio entre 1903 e 1936, torna a energia desses dias mais palpável para o público contemporâneo. “Quem não morreu da Espanhola, quem dela pôde escapar não dê mais tratos à bola, toca a rir, toca a brincar... A quadra não é de prantos!”, escreveu o jornalista Manoel Bastos Tigre no Correio da Manhã.



REPRODUÇÃO/AUGUSTO MALTA/INSTITUTO MOREIRA SALLES

REPRODUÇÃO/OTTO HEES/MUSEU HISTÓRICO NACIONAL



A ‘ÚLTIMA’ DO IMPERADOR

Produzida em maio de 1889 por Otto Hees, esta foto foi referida como “o último flagrante de parte da Família Imperial no Brasil” pelo jornal A Noite, que a usou em um artigo de 1946. Ainda segundo o periódico, a imagem foi colhida na entrada de uma das alas do Palácio Imperial de Petrópolis. Além do Imperador, aparecem Dona Teresa Cristina, Princesa Isabel, Conde d’Eu e Princesa Leopoldina, entre outros. Sete meses após o registro, Dom Pedro II (ao centro, com a mão no peito) seria deposto e partiria para o exílio com seus familiares.